

**Modalidade do trabalho:** RELATO DE EXPERIÊNCIA  
**Eixo temático:** CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

## A VELHICE COMO UM PROCESSO SINGULAR NO LAR DO IDOSO<sup>1</sup>

Larissa Sasso Bernardi<sup>2</sup>, Gustavo Héctor Brun<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Relato de experiência

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de graduação em Psicologia

<sup>3</sup> Docente do curso de graduação em Psicologia

### Introdução

A escrita surgiu enquanto acadêmica do curso de graduação em Psicologia na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul- Unijuí, durante a experiência no estágio básico na instituição denominada, Serviço de Amparo e Bem-Estar da Velhice - Sabeve.

Nas observações no lar, nos deparamos com formas de envelhecimento singulares, mesmo dentro de uma instituição onde são inseridos com outros idosos, cada um envelhece conforme suas próprias questões.

O presente estudo tem como objetivo decorrer sobre as implicações na velhice e como isso se dá dentro de uma instituição onde a imagem do velho é a mais numerosa.

### Metodologia

A metodologia deste trabalho consiste em uma revisão bibliográfica acerca da velhice. A pesquisa foi inicialmente fundamentada nos escritos de Múcida (2006/2018) e Jerusalinsky (1996), autores que abordam a temática sobre o envelhecimento e seus desdobramentos.

### Resultados e discussões

Uma das questões que surgem quando se pensa no trabalho com idosos é a questão do envelhecimento e, de uma parte deste processo que se chama velhice. O processo terapêutico da escuta feita pelo psicólogo a um idoso, coloca em uma posição frente ao mundo.

De acordo com Múcida (2006 apud SILVA, FINOCCHIO, 2011) a velhice é um destino singular, onde cada um envelhece a seu próprio modo, pois cada um inscreverá algo que lhe é próprio.

Dessa forma, a velhice é algo característico de cada um, que atribuirá uma forma de gozar que lhe é própria. É um significante que procura no social um significado (aposentadoria, terceira idade).

**Modalidade do trabalho:** RELATO DE EXPERIÊNCIA

**Eixo temático:** CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Na psicanálise, existe apenas um sujeito, o sujeito inconsciente que não envelhece, e é com ele que se trabalha, permeado pelo tempo lógico. Então, o sujeito não envelhece. Se o inconsciente não envelhece, o desejo também não, assim, a velhice estaria implicada em saber “vestir” esse desejo. O desejo acha outras maneiras de inscrição.

O meio social exclui a velhice e o envelhecimento, evita falar sobre a morte. O idoso, a própria velhice em si, é sempre carregada de significantes de ordem negativa, sempre se associando ao que não serve, ao que está velho, e inclusive que não pode mais demandar nada que seja da sua própria vontade, tendo que se sujeitar as demandas de outros. De uma posição de objeto, não mais de sujeito do seu próprio desejo, com isso ele se vê velho a partir do olhar que o Outro o devolve, com esse olhar que ele se reconhece ou não como velho.

Conforme Múcida, “a velhice traçaria, ainda, o momento dos lutos do que se foi e de diferentes perdas, impondo, dessa forma, uma atualização da problemática da castração”. Nesta maneira, o velho se implica com a história da sua vida, podendo dar lugar a um sentimento de castração do sujeito em seu próprio ser, porque não é o outro que se vai perder, mas a si mesmo.

Segundo Múcida “A imagem da velhice, além de não ser valorizada culturalmente, não traz perspectivas de novas aquisições, pelo contrário, delineiam-se apenas perdas. ” Essa imagem, que podemos pensar até no estádio do espelho na velhice, se trataria como uma fragmentação, de um corpo despedaçado para a morte. Alguns idosos, cedem ao ódio por essa imagem.

A morte, ou o medo da morte, estaria ligada ao investimento libidinal, pois, o velho deixa de investir libidinalmente no mundo exterior devido à pouca libido que lhe resta, para um investimento narcísico. Seria como morrer um pouco para continuar vivendo, porque há um investimento em si.

O luto que precisa ser elaborado ao envelhecer é o da própria vida, é com a deterioração do seu próprio corpo, a sua falta de tempo, a resignificação do presente, as perdas de pessoas do convívio, e luto do próprio eu.

Em seu artigo “Psicologia do Envelhecimento” (1996), Alfredo Jerusalinsky elabora o conceito nomeado como Neurose do Envelhecimento, a qual seria caracterizada por uma série de acontecimentos traumáticos que acometem o sujeito a partir do período da meia-idade da vida adulta, consistindo entre eles fatores tais como a perda dos pais reais e dos pares, a diminuição da potência, a degradação do corpo, a constatação de um estado definitivo, a entrada de outros protagonistas, uma perspectiva mínima de futuro e o

**Modalidade do trabalho:** RELATO DE EXPERIÊNCIA  
**Eixo temático:** CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

constante diálogo com a morte.

Um dos primeiros fatos que remete o sujeito à posição da velhice é o instante em que ocorre a perda dos pais. Independentemente de sua idade cronológica, o sujeito se volta para a sua própria morte, numa posição psíquica compatível com a velhice, sendo que a elaboração do luto obriga o sujeito a se identificar com os pais perdidos. Outra perda significativa e inevitável é a dos pares, conforme Jerusalinsky, há uma modificação para o sujeito no âmbito do social, pois devido a morte da pessoa amada, “o seu desaparecimento provoca a extinção de fragmentos extensos da rede de significações com as quais o sujeito se representava no discurso social” (JERUSALINSKY, 1996, p. 6), passando, após essa perda, a assumir outro lugar, uma diferente significação no meio social.

Seguindo neste mesmo sentido vem a degradação do corpo, corpo marcado pelo tempo, tornando evidente o distanciamento da juventude e sua vitalidade, através das rugas, cabelos brancos e dificuldades nos movimentos. Para o autor, esta degradação representa psicologicamente uma ameaça aos sujeitos: para a mulher, de retorno à solidão, visto que está se representando através do corpo na vida amorosa, sendo o debilitamento do corpo um indício de declínio das relações amorosas. Por outro lado, em igual declínio físico, o homem sustenta essa denegação com mais facilidade, já que ele sempre prometeu algo que ele não tinha, o falo, utilizando-se de substitutos tais que poderiam servir como demonstração de sua experiência.

Ao entrar em cena os mais jovens, assumindo as posições e funções daqueles que agora são idosos, essa mudança representaria, sobre a imagem do sujeito idoso, um esvaziamento do valor narcísico, visto que ocorre uma substituição e uma certa destituição de lugar e de valor. Em decorrência disso, o sujeito passa a encontrar refúgio naquilo que transmitia, sua tradição e seus princípios, “formas restitutivas do simbólico, do valor perdido de sua imagem no espelho social, porque o tempo real o empurrou para ‘fora do filme’ ” (JERUSALINSKY, 1996, p. 5), resgatando aquilo que diz do seu conhecimento, dos seus valores, da sua trajetória.

Ao perceber-se como definido, o fim da linha irrompe o sujeito idoso como algo assustador. Este se depara com uma minimização do futuro, visto que em função do pouco tempo de vida que lhe resta, não são muitas perspectivas de planos e novas aquisições que se apresentam para o sujeito. Isso o leva a um constante diálogo com a morte, uma via necessária de elaboração, acerca do fim de tudo aquilo que um dia foi construído e conquistado.

Podemos pensar, num senhor que mora no lar do idoso, ele frequentemente afirma que sou

**Modalidade do trabalho:** RELATO DE EXPERIÊNCIA

**Eixo temático:** CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

jovem, perguntou algumas vezes minha idade e se namorava, dá para relacionar com o que foi citado logo acima, que é a partir do Outro, que o sujeito se vê velho. Nesse mesmo sentido, o que o Jerusalinsky afirma no seu texto que os jovens passam a ocupar o centro da cena e, isto representa para o idoso que ele está velho. São formas, que o idoso vai trabalhando por meio da palavra as suas questões e, cabe ao estagiário ficar numa posição de escuta, para que se consiga por meio da cadeia de significantes uma elaboração de sua própria velhice.

### **Considerações finais**

No lar, dá para se notar como mesmo em um grupo de idosos cada um de uma forma subjetiva envelhece e se vê implicado de um jeito, alguns com o estagiário, outros deslocam para a própria instituição, é um processo que aparece no discurso e na própria imagem.

A imagem, é constantemente modificada, pelas marcas no rosto e no corpo, são de uma vivência subjetiva. Porém, o sujeito velho só se reconhece como velho, a partir do Outro; nesse sentido, que as pessoas institucionalizadas no lar se reconhecem umas nas outras e encontram imagens que atravessam a sua subjetividade.

**Palavras-chave: Velhice; luto; subjetividade**

**Key Word: old age; mourning; subjectivity**

### **Referências**

JERUSALINSKY, Alfredo. Psicologia do envelhecimento. In: Correio da APPOA, nº 42, dezembro de 1996

MUCIDA, Angela. O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice. Ed Autentica. 2004.

SILVA, Bruna, FINOCCHIO, Ana Lúcia. A velhice como marca da atualidade: uma visão psicanalítica. São Paulo: Pepsic, 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-24902011000200004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902011000200004)